

D.A. Carson, *The Gagging of God: Christianity Confronts Pluralism* [A Náusea de Deus: O Cristianismo Confronta o Pluralismo] (Grand Rapids: Zondervan, 1996) 640 pp.

Vários livros têm sido escritos nos últimos anos lamentando a desintegração do evangelicalismo americano, em particular sob a violenta investida pós-moderna, embora alguns autores não identifiquem o pós-modernismo como sendo o culpado disto. Os nomes de James Davidson Hunter (*American Evangelicalism: Conservative Religion and the Quandary of Modernity; Evangelicalism: The Coming Generation*), David F. Wells (*No Place for Truth; or, Whatever Happened to Evangelical Theology?*) e Mark A. Noll (*The Scandal of the Evangelical Mind*) nos vêm à mente.

Hunter argumenta sociologicamente que os evangélicos, neste século, têm passado da condição de cosmovisão dominante dos Estados Unidos para um movimento que tem feito muitas barganhas cognitivas com o fim de manter o direito de ao menos falar à sociedade. O resultado é que os evangélicos e sua cosmovisão vivem atrás de muros psicológicos e sociológicos que são tão altos quanto espessos. De fato, eles são quase impenetráveis. É extremamente difícil para os evangélicos deixarem seu gueto e falarem à sociedade. Hunter é extremamente pessimista quanto à sobrevivência do evangelicalismo sob o ataque feroz do que ele chama de modernidade. Só um milagre mudaria essa condição.

Wells, por sua vez, começa seu livro com uma anedota sobre um seminarista que não queria matricular-se nas aulas de teologia por uma questão de mordomia. Ele não queria perder seu tempo com algo tão irrelevante para o seu ministério!

Don Carson aborda o impacto do pós-modernismo no evangelicalismo ocidental (principalmente na América do Norte e na Inglaterra) a partir de uma perspectiva filosófico-teológica, sob a rubrica do pluralismo. Ele identifica três tipos diferentes de pluralismo. Primeiramente, o "pluralismo empírico que engloba a crescente diversidade de nossa cultura" (p. 13). Colocando de maneira simples, bem poucas sociedades do Ocidente podem continuar a considerar-se monoculturais. Essa é a realidade do pluralismo. Em segundo lugar, o autor destaca o "pluralismo compartilhado," que vê o pluralismo empírico como mais do que um fato: o vê como um valor positivo a ser perseguido. Por fim, o "pluralismo filosófico ou hermenêutico", que tem um credo firmemente estabelecido: "qualquer noção de que uma reivindicação ideológica ou religiosa particular é intrinsecamente superior a outra é necessariamente errônea. O único credo absoluto é o credo do pluralismo. Nenhuma religião tem o direito de declarar-se certa ou verdadeira, e as outras falsas, ou mesmo (na visão majoritária) relativamente inferiores" (p. 19).

Carson argumenta extensamente e de forma bastante sutil que: 1) esse pluralismo é fruto de uma cosmovisão pós-moderna e origina-se em grande parte de uma hermenêutica crítica e desconstrucionista; 2) a cosmovisão pós-moderna viola a linha bíblica em vários pontos significativos. Ele diz: "A igreja havia se tornado muito semelhante à água que bebia; nem quente e útil, nem fria e útil, mas meramente nauseante. Jesus está preparado para vomitar essa igreja de sua boca (Ap 3.16)... Essa igreja faz o Jesus exaltado ficar nauseado. Não posso fugir ao terrível sentimento de que o evangelicalismo moderno ocidental tem mais êxito em enjoar a Deus, neste sentido, do

que todos os pós-modernistas juntos, no outro sentido" (p. 488).

O esforço de Carson é profundo e abrangente. Ele argumenta a partir dos pontos de vista da hermenêutica, da teologia bíblica, da bibliologia, das religiões comparadas e da sociologia. A sua "bibliografia selecionada" arrola 46 páginas de títulos digitados em espaço simples, com tipo pequeno! Para dizer a verdade, suspeita-se que ele tenha se utilizado de computadores para localizar referências para suas notas de rodapé e assim não tenha lido cada um dos livros presentes nas notas! Ainda assim, a amplitude do livro é impressionante.

É difícil fazer uso de evasivas com Carson. A pessoa sente-se como um mosquito tentando incomodar um elefante! Talvez este seja o maior inconveniente do livro. A sua própria densidade já se constitui num desafio para o leitor interessado, embora Carson oriente os não inclinados à teologia a usarem o livro seletivamente. Isto é, claro, depois de havê-lo comprado.

Finalmente, não se pode evitar a impressão de que Carson quer que usemos críticas do pós-modernismo contra o modernismo, ao mesmo tempo em que avaliamos criticamente os efeitos do pós-modernismo sobre nós. (Pode-se argumentar que nossos antepassados sucumbiram ao modernismo no sentido filosófico-cultural, e não no sentido teológico; ambos os lados do debate usaram pressuposições iluministas.) Afinal de contas, o modernismo tinha algumas coisas boas a dizer, por exemplo, a noção de que a verdade pode ser entendida adequadamente. Possivelmente essa é a maior contribuição do livro.

— Don Price